

Políticas científicas e línguas de ciência em revistas de acesso aberto: o caso das Ciências da Comunicação e da Informação em Portugal

Moisés de Lemos Martins 

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Portugal

Marisa Mourão 

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Portugal

Revistas científicas
Línguas de ciência
Políticas científicas
Língua portuguesa

Entendendo-se como estratégico o debate sobre as políticas científicas e as formas de contrariar a hegemonia do modelo de publicação dos países anglo-saxónicos, um modelo que não apenas apaga as diferenças, mas que, de igual forma, perpetua a subalternidade científica, linguística e cultural, considera-se determinante a definição de políticas editoriais que se posicionem no combate contra o empobrecimento da língua. Mas será que estas políticas existem? Não ignorando que o acesso aberto não é necessariamente sinónimo de um acesso universal, já que não elimina barreiras como as linguísticas, procuramos olhar para as revistas portuguesas de acesso aberto em Ciências da Comunicação e da Informação para conhecer as suas políticas científicas, o modo como procuram enquadrar-se na comunidade internacional e responder a este desafio de criação de uma comunidade multifacetada. Foram contabilizadas 19 revistas, entre as quais se regista uma tendência progressiva para publicações linguisticamente híbridas. Não existindo, regra geral, uma política para o português como língua de ciência, daí redundava uma grande vulnerabilidade destas publicações perante a força expressiva de outras línguas, sobretudo da inglesa.

Scientific policies and languages of science in open access journals: the case of Communication and Information Sciences in Portugal

Journals
Languages of science
Science policies
Portuguese language

The debate on scientific policies and how to counter the hegemony of the Anglo-Saxon publication model - which erases differences and perpetuates scientific, linguistic and cultural supremacy - is strategically important. Thus, the definition of editorial policies that take a stand in fighting the impoverishment of language is determinant. However, do such policies exist? We know that open access is not necessarily synonymous with universal access, for it does not remove barriers such as language barriers. Bearing in mind, we look at the Portuguese open access journals in Communication and Information Sciences to learn about their scientific policies, how they manage to fit in the international community and respond to the challenge of creating a multifaceted community. Among the 19 journals, there is a progressive tendency towards hybrid language publications, and, overall, there is no policy for Portuguese as a language of science. As a consequence, the publications are vulnerable to the expressive power of other languages, especially English.

PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE CIÊNCIA: UM COMBATE CONTRA O EMPOBRECIMENTO DA LÍNGUA¹

Falar de lusofonia é falar de uma questão geoestratégica e cultural do combate pelo ordenamento simbólico do mundo, confrontando o campo científico com questões de subordinação linguística, cultural, política e científica da língua portuguesa, face a uma língua hegemónica, o inglês.

Simultaneamente, o atual debate sobre a globalização do conhecimento e a cultura digital também não é alheio à ideia de lusofonia, apresentando-se o ciberespaço como um novo lugar para o conhecimento científico, um espaço predominantemente de língua inglesa, mas que não pode deixar de ser também um espaço de língua portuguesa (Martins, 2018). Afinal, não podemos ignorar que a língua portuguesa é a quinta língua mais utilizada na internet².

É perante o objetivo de produzir uma ciência com memória, responsabilidade e consciência, uma ideia de ciência que tenha o sentido do humano (Martins, 2008), que se pode olhar para a lusofonia como uma travessia tecnológica, a realizar por todas as comunidades de língua portuguesa, no sentido do interconhecimento, da cooperação cultural, científica, social, política e económica, e também de afirmação da diversidade no mundo (Brito & Martins, 2005), uma diversidade que não é contemplada pelo atual modelo hegemónico de publicação, o qual, muito pelo contrário, perpetua desigualdades linguísticas.

Esse modelo de publicação atingiu inclusivamente as Ciências Sociais e Humanas, área que muito lhe tem resistido, tendo sido mais tardia a sua penetração (Gradim & Morais, 2016). Em síntese, pode dizer-se que o atual paradigma científico implica que ciência é o que é publicado (1) em inglês; (2) sob a forma de artigos em revistas científicas; (3) em artigos que obedecem ao formato IMRaD (introduction, methods, results, and discussion [introdução,

métodos, resultados e discussão]); e (4) em revistas científicas com fator de impacto (Serra, 2017). Apesar dos benefícios de uma língua franca da ciência, a hegemonia do inglês tem contribuído para a perpetuação das desigualdades linguísticas, devido à subalternização, e mesmo ao apagamento, de todas as outras línguas.

Entende-se, assim, ser estratégico o debate sobre as políticas científicas e as formas de contrariar o paradigma instalado, um modelo que apaga a diferença, pela sua centralidade anglo-saxónica, que perpetua a subalternidade científica, linguística e cultural. Entende-se, por isso, determinante a definição de políticas editoriais de publicação em português, que combatam o empobrecimento da língua. Por outro lado, entre as múltiplas razões para a necessidade de promover a edição de revistas científicas portuguesas, existe uma primordial: a afirmação da língua portuguesa como língua de pensamento e de conhecimento (Martins, 2012a, pp. 243-244).

Mas como está a comunidade das Ciências Sociais e Humanas a responder a este desafio? Não ignorando que o acesso aberto não é necessariamente sinónimo de um acesso universal, já que não elimina certas barreiras, como as linguísticas, procurámos olhar para as revistas portuguesas de acesso aberto em Ciências da Comunicação e da Informação, de modo a conhecer as suas políticas científicas, e também a perceber o modo como se enquadram na comunidade internacional. O nosso objetivo é o de responder ao desafio da criação de uma comunidade mais diversa e inclusiva, não ignorando naturalmente que a existência de uma língua de ciência também facilita a eliminação de algumas barreiras de acesso.

AS REVISTAS CIENTÍFICAS DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO E DA INFORMAÇÃO: DA FUNDAÇÃO À ATUALIDADE

A formalização das Ciências da Comunicação e da Informação enquanto domínio de

¹ Este trabalho retoma também trabalhos anteriores (Martins, 2012a, 2021).

² Dados referentes a 31 de março de 2020. Ver <https://www.internetworldstats.com/stats7.htm>

investigação e ensino situa-se na década de 1950, embora apenas a partir da segunda metade do século XX tenham começado a ser publicadas as primeiras revistas científicas, especificamente vocacionadas para esta área.

Em Portugal, a fundação do campo das Ciências da Comunicação e da Informação no meio académico apenas acontece no final da década de 1970, com o primeiro curso de graduação em Comunicação Social. E foi a par do desenvolvimento deste projeto de ensino que foram criadas condições para a produção de conhecimento em centros de investigação especializados, assim como da sua difusão em publicações nacionais (Martins, 2012b; Martins & Oliveira, 2012, 2013). A primeira revista científica portuguesa da área de Ciências da Comunicação e da Informação é a *Revista de Comunicação e Linguagens*, do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, da Universidade Nova de Lisboa, cujo lançamento ocorreu em 1985.

Entretanto, a comunidade científica portuguesa de Ciências da Comunicação e da Informação foi-se transformando, assim como o foram as suas publicações científicas, tendo muitas delas acompanhado a evolução das práticas de comunicação e de divulgação científica, como é o caso da *Revista de Comunicação e Linguagens* ou da revista *Comunicação e Sociedade*, esta última do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), da Universidade do Minho, as quais tendo nascido no século passado, em versão impressa, se encontram agora em formato também digital e em acesso aberto.

Ainda numa perspetiva de evolução destas publicações periódicas, importa assinalar que se assistiu, na última década, ao desaparecimento de algumas revistas, embora, por outro lado, tenha ocorrido uma expansão do campo das Ciências da Comunicação e da Informação (Martins, 2021), razão pela qual é possível encontrar, hoje, uma grande variedade de revistas em acesso aberto. Em Portugal, encontramos 19 revistas³ de Ciências da

Comunicação e da Informação, disponíveis em acesso aberto:

1. *Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento* (<http://aim.org.pt/ojs/index.php/revista>, Associação de Investigadores da Imagem em Movimento);
2. *Comunicação e Sociedade* (<https://www.revistacomsoc.pt>, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade);
3. *Comunicação Pública* (<https://journals.openedition.org/cp/>, Escola Superior de Comunicação Social);
4. *Doc On-line. Revista Digital de Cinema Documentário* (<http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/doc>, Labcom/Universidade da Beira Interior e Universidade Estadual de Campinas);
5. *Eikon* (<http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/eikon/index>, Labcom/Universidade da Beira Interior);
6. *Estudos em Comunicação* (<http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/ec/index>, Labcom/Universidade da Beira Interior);
7. *Interact: Revista Online de Arte, Cultura e Tecnologia* (<http://interact.com.pt/>, Instituto de Comunicação da NOVA);
8. *International Journal of Film and Media Arts* (<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/ijfma/>, Film and Media Arts Department/Lusófona University);
9. *International Journal on Stereo & Immersive Media* (<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/stereo>, Early Visual Media Lab — CICANT, Lusófona University);
10. *Media & Jornalismo* (<https://impactum-journals.uc.pt/mj>, Instituto de Comunicação da NOVA);
11. *Observatorio (OBS*)* (<http://obs.obercom.pt/index.php/obs/index>, OberCom);

³ A *Revista Portuguesa de História da Comunicação* e a *Revista Rhetorikê* não têm edições, todavia, não há qualquer informação

de que tenham deixado de publicar. Aliás, a última revista não tem sido regular em termos de periodicidade.

12. *Prisma.com* (<https://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/>, Faculdade de Letras da Universidade do Porto);
13. *Revista Portuguesa de História da Comunicação* (<http://revistahc.sopcom.pt/>, Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação [Sopcom]);
14. *Revista Comunicando* (<https://revistas.sopcom.pt/index.php/comunicando/>, Sopcom);
15. *Revista de Comunicação e Linguagens* (<http://www.fcsh.unl.pt/rcl/index.php/rcl/index>, Instituto de Comunicação da NOVA);
16. *Estudos de Jornalismo* (<http://www.revistaej.sopcom.pt/>, Sopcom);
17. *Revista Lusófona de Estudos Culturais* (<https://rlec.pt>, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade);
18. *Revista Rhêtorikê* (<http://www.rhetorike.ubi.pt/05/index.html>, Labcom/Universidade da Beira Interior);
19. *Vista* (<https://revistavista.pt>, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, e Sopcom).

Para caracterizar⁴ as 19 revistas, aqui identificadas como de Ciências da Comunicação e da Informação, podemos destacar na sua produção, não apenas o papel dos centros de investigação, mas também o papel da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, que esteve igualmente na fundação da *Vista*, agora editada pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho. Destas revistas, três surgiram no século XX – *Revista de Comunicação e Linguagens* (1985), *Comunicação e Sociedade* (1999) e *Interact* (2000). Todas elas foram acompanhando as transformações da área de Ciências da Comunicação e da Informação, as quais se alargaram do ensino ao modo de produzir ciência e à difusão científica. As restantes revistas são bem mais recentes, tendo sido lançadas cinco, desde 2016.

Se olharmos agora para a situação destas revistas no que diz respeito ao acesso aberto, é de referir que 10 estão no *Directory of Open*

Access Journals (DOAJ). São também 10 aquelas que foram aprovadas no ERIH PLUS. Não estando nenhuma na *Web of Science*, cinco estão na *Scopus* e três no SciELO, tendo sido aprovada uma outra recentemente. Ainda pensando na visibilidade, a partir da presença em algumas plataformas de particular importância no meio académico, importa referir que apenas encontramos 10 das 19 revistas no MIAR (*Information Matrix for the Analysis of Journals*), apresentado seis um ICDS (*Secondary Composite Index Diffusion*) superior a cinco e apenas duas superior a nove (neste último caso, *Comunicação e Sociedade* 9.8 e *Observatorio (OBS*)* 9.6).

O PORTUGUÊS NAS POLÍTICAS DE LÍNGUA

Quanto às línguas aceites para publicação, nas revistas em que encontramos essa informação, o português e o inglês estão sempre entre as línguas aceites. De seguida, a língua aceite por mais revistas é o espanhol (11). Já o francês é referido em seis. Estas quatro línguas são referidas simultaneamente em seis revistas e cinco referem três destas línguas. Há ainda revistas com possibilidades mais amplas, como a *Observatorio (OBS*)*, que diz publicar em “diversas línguas”, para o que dá alguns exemplos, ou a *International Journal of Film and Media Arts*, que diz publicar em “diferentes línguas”. Uma opção distinta é apresentada por três revistas, que são bilingues, com o português e o inglês a serem obrigatórios. Referimo-nos às três revistas do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (*Comunicação e Sociedade*, *Revista Lusófona de Estudos Culturais* e *Vista*). Nas restantes revistas, cada artigo é publicado apenas numa língua.

Dá-se ainda o caso de haver revistas que não especificam a língua em que aceitam artigos, tanto na secção de políticas editoriais, como na secção com as normas de submissão. A título de exemplo podemos referir a *Eikon* e a *Estudos em Comunicação*.

Se olharmos para as últimas edições publicadas destas revistas⁵, vemos que existe uma

⁴ Informação atualizada em setembro de 2021.

⁵ Consulta a 14 de setembro de 2021.

quantidade expressiva de trabalhos publicados em língua portuguesa. Em sete revistas todos os últimos textos publicados são em português. A maioria das revistas tem, aliás, a maior parte dos textos nesta língua. Treze têm 75% ou mais textos escritos em português e apenas três têm menos de metade dos textos em português. Estão neste último caso, *International Journal on Stereo & Immersive Media*, *International Journal of Film and Media Arts* e *Observatorio (OBS*)*.

O PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE CIÊNCIA?

No campo editorial, é inegável a presença do português como língua de ciência. E pode mesmo dizer-se que, especificamente nas revistas nacionais das Ciências da Comunicação e da Informação, se faz muita ciência em português. Uma dúvida, todavia, nos assiste: é por responsabilidade dos editores, que se empenham a definir uma política científica neste sentido, ou, pelo contrário, a forte presença da língua portuguesa nas revistas de Ciências da Comunicação e da Informação deve-se, antes, a um conjunto de fatores de ordem prática, entre os quais são de assinalar a proximidade dos investigadores portugueses das revistas em questão, a possibilidade de um número mais alargado, tanto de autores, como de leitores, e ainda os custos associados à publicação noutras línguas?

A nosso ver, as revistas portuguesas de Ciências da Comunicação e da Informação não parecem ter, de um modo geral, um posicionamento estratégico, que envolva uma política científica de defesa, não apenas da língua portuguesa, como também, através da prática dessa língua, da própria ciência, que assim se abriria à possibilidade da sua diversidade cultural. A postura da comunidade científica de Ciências da Comunicação e da Informação em escrever em língua portuguesa não parece decorrer, com efeito, da necessidade de dar combate, por um lado, ao empobrecimento da língua portuguesa, e por outro lado, à hegemonia da língua inglesa nas práticas de publicação científica.

Existe, é verdade, nas Ciências da Comunicação e da Informação uma tendência progressiva para publicações linguisticamente híbridas, não

existindo, todavia, uma política que afirme o português como língua de ciência. Trata-se, em todo o caso, de uma opção política que se compreende. As publicações híbridas favorecem uma difusão mais alargada da produção científica. Por um lado, constituem um modo de minorar a dificuldade que uma revista portuguesa encontra, no que respeita à sua circulação internacional. Por outro, permitem-lhe alcançar autores e leitores de diversas nacionalidades. Veja-se, por exemplo, o caso da revista *Observatorio (OBS*)*, uma revista particularmente relevante no campo, dado o facto de estar presente na *Scopus* e no *SciELO*, tendo, além disso, o segundo ICDS mais elevado, entre as revistas em análise. Estamos, pois, a falar aqui de uma revista de considerável peso no campo científico das Ciências da Comunicação e da Informação e que publica em diversas línguas, embora apenas numa única versão, sendo inclusivamente possível encontrar autores portugueses a escrever em inglês. Opções como esta, embora possam considerar-se estratégicas, não deixam de constituir uma fragilidade editorial, que confere às publicações uma acentuada vulnerabilidade, perante a força expressiva de outras línguas, sobretudo da língua inglesa.

Por outro lado, devemos assinalar que estas opções refletem as transformações pelas quais tem passado o mundo académico, com o ciclo clássico de avaliação da qualidade de uma unidade de investigação a ser subvertido. Com efeito, o artigo científico foi sendo transformado num produto contábil, sujeito à regra do número e da medida (Gringas, 2020). Esta transformação resultante da revolução tecnológica, que deslocou a cultura no Ocidente de um regime centrado na palavra para um regime centrado no número (Martins, 2017a, 2017b). Assim, a universidade, que se constituiu no interior do regime da palavra, vê-se hoje subvertida pela revolução tecnológica, o regime do número, apoiado na medida (Martins, 2017a), assistindo-se a uma mercantilização da universidade e da ciência, o que também está na base de certas opções editoriais.

Em suma, interrogando-nos sobre a língua em que se faz ciência, e também sobre o paradigma dominante, entendemos que o caminho não é o de uma total submissão, nem de uma recusa absoluta. Tendo presentes os três caminhos apresentados por Serra (2017) – o da submissão aos ditames do paradigma; o da recusa do paradigma; e o de compromisso –, é possível encontrar o caminho do compromisso nas três revistas do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho. Referimo-nos a *Comunicação e Sociedade*, *Revista Lusófona de Estudos Culturais* e *Vista*, dado o facto de as três revistas serem bilingues, tendo versões simultâneas, em português e em inglês. *Comunicação e Sociedade* tem um destaque particular, dado o facto de estar na *Scopus* e no *SciELO*, tendo, além disso, um ICDS de 9.8, o que permite vislumbrar um caminho alternativo para fazer do português uma língua de ciência. Este caminho pode não constituir um modelo de acesso universal ao conhecimento. Mas é, com certeza, uma possibilidade de maior diversidade e inclusão no conhecimento. Não ignora as vantagens da língua inglesa. Mas dá espaço a que também o português seja língua em que se faz ciência. E ao tornar possível que o conhecimento chegue à ampla comunidade dos falantes da língua portuguesa, este caminho contraria a perpetuação da sua subalternidade, científica, linguística e cultural.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITO, R., & MARTINS, M. L. (2005). Moçambique e Timor-Leste: Onde também se fala o português. In A. Fidalgo & P. Serra (Eds.), *Ciências da comunicação em congresso na Covilhã: Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico* (Vol 3, pp. 641-648). Universidade da Beira Interior. <http://hdl.handle.net/1822/1005>
- GRADIM, A., & MORAIS, R. (2016). *Anões aos ombros de gigantes: Desafios contemporâneos da comunicação de ciência*. Livros Horizonte.
- GINGRAS, Y. (2020). The transformation of the scientific paper: From knowledge to accounting unit. In M. Biagioli & A. Lippman (Eds.), *Gaming the metrics: Misconduct and manipulation in academic research* (pp. 43-55). MIT Press. <https://doi.org/10.7551/mitpress/11087.003.0004>
- MARTINS, M. L. (2008). As ciências sociais e a política científica. In A. Torres & L. Baptista (Eds.), *Sociedades contemporâneas. Reflexividade e acção* (pp. 27-29). Afrontamento. <http://hdl.handle.net/1822/1059>
- MARTINS, M. L. (2012a) Revistas científicas de ciências da comunicação em Portugal: Da divulgação do conhecimento à afirmação do Português como língua de pensamento e conhecimento. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 35(1), 233-251. <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1106>
- MARTINS, M. L. (2012b). A política científica e tecnológica em Portugal e as ciências da comunicação: Prioridades e indecisões. In M. Kunsch & J. M. Melo (Eds.), *Comunicação Ibero-americana: Sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação* (pp. 331-345). Confibercom; Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. <http://hdl.handle.net/1822/23931>
- MARTINS, M. L. (2017a). A cultura na era da mobilização do humano pela tecnologia – Da universidade das ideias à universidade dos números. In U. Sidoncha & C. Moura (Eds.), *Metamorfoses da cultura* (pp. 157-178). Nova Vega. <http://hdl.handle.net/1822/51035>
- MARTINS, M. L. (2017b). *Crise no castelo da cultura – Das estrelas para os ecrãs*. Húmus. http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/234
- MARTINS, M. L. (2018) Os países lusófonos e o desafio de uma circum-navegação tecnológica. *Comunicação e Sociedade*, 34, 87-101. [https://doi.org/10.17231/comsoc.34\(2018\).2937](https://doi.org/10.17231/comsoc.34(2018).2937)
- MARTINS, M. L. (2021). Políticas científicas e línguas de ciência: O caso das revistas de ciências da comunicação em Portugal. In C. M. K. Peruzzo, M. L. Martins, & R. Gabriotti (Eds.), *Revistas científicas de comunicação ibero-americanas na política de divulgação do conhecimento: Tendências, limitações e os desafios de novas estratégias* (pp. 125-141). UMinho Editora/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.43.9>
- MARTINS, M. L., & OLIVEIRA, M. (2012). Pós-graduação em comunicação em Portugal: Da variedade da oferta educativa à carência de um sistema de avaliação. In M. Kunsch & J. M. Melo (Eds.), *Comunicação Ibero-americana: Sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação* (pp. 279-303). Confibercom; Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. <http://hdl.handle.net/1822/23956>
- MARTINS, M. L., & OLIVEIRA, M. (2013). Doctorado e investigación sobre comunicación en Portugal: Panorama,

retos y oportunidades. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 10(18), 250-265.
<http://www.alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/429>

SERRA, P. (2017). As línguas francas em ciência e a questão dos paradigmas. In M. L. Martins (Ed.), *A*

internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de ciências sociais e humanas – O caso das ciências da comunicação (pp. 261-276). Húmus.
http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2724

Martins, M. L.; Mourão, M. (2021). “Políticas científicas e línguas de ciência em revistas de acesso aberto: o caso das Ciências da Comunicação e da Informação em Portugal”. *Cadernos BAD*, n. 1-2.
<https://doi.org/10.48798/cadernosbad.2716>

Acesso e licença

Artigo em acesso aberto distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-by 4.0).

Revisão por Pares

Esta revista usa um sistema de revisão duplamente cega por pares assegurada pelo conselho científico da *Cadernos BAD*.

Conflitos de Interesse

Os autores declaram a inexistência de conflitos de interesse na realização do presente trabalho.

Confidencialidade dos Dados

Os autores declaram ter seguido os protocolos de RGPD.

Financiamento, apoio e patrocínios

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020.

Recebido

04/10/2021

Aceite

13/10/2021

Publicado

26/09/2022
